

## Picture Story Test

### Aplicação do teste a pacientes afásicos e não afásicos: estudo de casos

Maria João Santos

Mestranda do Mestrado em Linguística da FCSH/ UNL

O campo da afasiologia, estudo das perturbações da linguagem de pacientes afásicos, tem contribuído de uma forma significativa, para um mais amplo e aprofundado conhecimento das capacidades linguísticas inatas e dos centros de linguagem cerebrais implicados na compreensão e produção da linguagem humana, quer ao nível oral, quer ao nível da escrita. Tem sido, efectivamente, a partir de situações de perturbação linguística que, em contraste com a situação de falantes normais, têm surgido novos dados sobre a natureza da linguagem e sobre o seu processamento, a nível cerebral. A caracterização superficial dos discursos afásicos como discursos “pobres” ou “perturbados” deixou, a partir de meados do século XX, de ser suficiente quer para o campo clínico, quer para o campo linguístico. Da necessidade de uma caracterização e classificação mais rigorosas do tipo de problemas linguísticos existentes no discurso dos afásicos, surgiram estudos que, através da análise dos diferentes níveis de análise linguística – fonológico, sintáctico, semântico e discursivo-, conseguiram chegar a algumas conclusões, quer sobre a natureza e conseqüências neurológicas de cada tipo de afasia, quer sobre as diferentes perturbações linguísticas produzidas nos diferentes quadros de afasia.<sup>1</sup> Os estudos acima referidos foram sendo desenvolvidos, essencialmente, nos E.U.A., ao longo das décadas de 60 e 80, por investigadores como Goodglass, Kaplan, Weintraub, Hyde e outros, numa perspectiva interdisciplinar – clínica e linguística. Estes estudos, procuraram identificar e classificar o tipo de afasia atendendo às características do discurso proferido pelos pacientes afásicos.

O *Picture Story Test* (Cf. Monção, 2001) é concebido a partir dos resultados obtidos nesses estudos, e é aplicado como um instrumento de teste e análise da capacidade de reconto de breves histórias ou narrativas por parte dos afásicos. Estas histórias (seis no estudo original)<sup>2</sup>, eram constituídas por vários temas coesos<sup>3</sup> e testavam a capacidade dos sujeitos afásicos na (re)produção de determinados

<sup>1</sup> Vide Fig.1/ Anexo1. No campo da linguística, estas pesquisas permitiram clarificar o tipo de perturbações de linguagem próprias de cada afasia e classificar o discurso afásico através de dicotomias do tipo fluente/ não-fluente (entendendo-se por fluência o nº de débito de palavras por minuto), etc.

<sup>2</sup> Goodglass e Kaplan (1972) Histórias originais – vide Monção (2001)

<sup>3</sup> Capacidade de produção de vários temas entendidos no estudo original, como temas relacionados.

aspectos sintácticos<sup>4</sup> e lexicais. Este trabalho é baseado nos mesmos princípios orientadores do *Picture Story Test*, embora algumas condicionantes surgidas no decorrer da selecção dos pacientes, o façam diferir em alguns aspectos do estudo original<sup>5</sup>. O termo *afasia* refere-se no presente estudo, às perturbações de linguagem na sequência de uma lesão cerebral em indivíduos cujas competências e performances linguísticas estão já adquiridas, ou seja, tal como no original *Picture Story Test* não são tidas como objecto de estudo afasias progressivas<sup>6</sup>, sendo todos os sujeitos participantes adultos. Foram objectos deste trabalho os resultados obtidos na aplicação do teste (devidamente reformulado e adaptado para o português), os quais foram analisados dando conta por um lado, das diferenças linguísticas presentes nos diferentes tipos de afasia estudados e, por outro, permitindo uma análise comparativa destes resultados com os obtidos no teste original.

1. O *Picture Story Test*<sup>7</sup>: antes da aplicação do teste, a fim de realizar este trabalho, foi necessário delinear um texto análogo para o português, mas que procurasse respeitar as características textuais do texto original. Foram então criadas várias versões do texto original que foram avaliadas possibilitando a selecção do texto mais adequado aos objectivos pretendidos<sup>8</sup>. Deste modo, para a definição do texto foram tidos em conta aspectos respeitantes à extensão frásica (vinte e seis palavras no texto original / vinte e nove no texto seleccionado), o número constituinte de palavras de uma determinada classe morfológica (como por ex., no caso dos verbos – oito no texto original / sete no seleccionado) e ainda, dada a variedade lexical do português e existindo, por vezes, mais do que um correspondente em português do verbo usado no texto original, houve a preocupação em seleccionar o termo que apresentava maior frequência de uso neste contexto semântico (por ex. para a frase *she hadn't touch her milk* eram possíveis: “ela não *tinha tocado* no leite” e “ela não *tinha bebido* o leite”, tendo sido seleccionado a última versão.

---

<sup>4</sup> Capacidade de produção de verbos, substantivos e pronomes

<sup>5</sup> O estudo original, ao contrário do presente estudo, foi desenvolvido em condições totalmente controladas pelos investigadores. O grupo de sujeitos (quinze: 5 não-afásicos – grupo de controlo-, 5 afásicos de Wernicke e 5 afásicos de Broca) que foi avaliado e seleccionado, era o mais homogéneo possível, quer em relação ao sexo, idade como em relação ao *background* social e académico. Por outro lado, o factor “tempo” não foi uma variável restritiva como no estudo actual, condicionando a selecção do grupo e a sua homogeneidade.

<sup>6</sup> Lesser (1989) propõe uma distinção entre os termos *afasia* e *afasia progressiva*: “(...) thus excluding from our frame of reference developmental aphasia (or dysphasia). The latter applies to a failure to achieve an age-appropriate language system, possibly due to pre-natal or infantile damage or to unknown developmental factors.”

<sup>7</sup> Estudo que investiga a capacidade de pacientes afásicos de recontar breves histórias ou narrativas que contêm vários temas coesos/ relacionados.

<sup>8</sup> Dada a limitação de espaço para este trabalho, não é possível apresentar o anexo

2. Caracterização dos Sujeitos participantes: foram seleccionados oito sujeitos participantes para este estudo (ao contrário dos quinze do estudo original): dois pacientes com afasia Global, dois com afasia Transcortical Sensorial, dois com afasia de Wernicke e dois sujeitos não afásicos de controlo. Os sujeitos afásicos foram seleccionados pelos terapeutas de fala os quais exercem no hospital Distrital de Setúbal (Centro de Medicina Física) e no Laboratório de Estudos da Linguagem – Centro Egas Moniz (Hospital Sta. Maria em Lisboa)<sup>9</sup>. Ao longo do processo de selecção de sujeitos foi possível constatar que, pelo menos nestes hospitais, se encontram actualmente raríssimos casos de afasia de Broca, pelo que não foi possível constituir-se um grupo com este tipo de afasia de forma a preservar os grupos da experiência original. Todos os sujeitos envolvidos têm idades compreendidas entre os cinquenta e os sessenta e cinco anos. Uma vez que o grupo de sujeitos afásicos é constituído por ambos os sexos, seleccionaram-se sujeitos de controlo também de sexo diferenciado. Tendo em conta as condicionantes existentes na realização deste trabalho (Cf. Nota 5), e ainda relativamente, à selecção dos sujeitos participantes – afásicos e não-afásicos-, o sexo, idade e tipo de afasia diagnosticado, foram as únicas variáveis possíveis de controlar neste estudo.

3. O procedimento de aplicação do Picture Story Test: o teste foi aplicado apresentando-se uma história – seleccionada do grupo das seis histórias aplicadas no estudo original (Cf. Nota 2) – correspondente a uma sequência de imagens<sup>10</sup> apresentadas ao paciente numa folha. A leitura da narrativa foi feita aos sujeitos afásicos, tendo sido previamente fornecido um documento onde constavam os procedimentos a adoptar na aplicação do teste. Aos sujeitos foi então pedido que recontassem a narrativa, observando as imagens, observação essa que pretendia minimizar a interferência no teste da variável “memória” no processo de reconto. Toda a experiência, quer a explicitação do processo por parte dos terapeutas ao paciente, quer a aplicação do teste propriamente dito, foi audio gravada para que, posteriormente, se procedesse à transcrição e análise dos resultados (Cf. Conclusão). Os terapeutas dispuseram de um documento específico onde registaram os dados clínicos e alguns dados pessoais (por ex. idade, sexo, formação profissional e académica) dos pacientes, documento esse anexado posteriormente à transcrição da experiência de cada sujeito constituindo-se assim um processo individual para cada sujeito participante<sup>11</sup>. Na análise dos resultados foi apenas tida como válida a primeira tentativa espontânea de reconto do paciente. Todas as posteriores tentativas surgidas após uma segunda intervenção dos terapeutas – com o intuito de clarificar o objectivo pretendido – não foram nem transcritas nem analisadas,

<sup>9</sup> Agradeço a total disponibilidade e colaboração para a realização deste trabalho à dra. Ana Cristina Sequeira (Terapeuta no Hosp. Dist. de Setúbal) e ao dr. José Fonseca (Terapeuta no Hosp. Sta. Maria – Laboratório de Linguagem).

<sup>10</sup> Vide Fig.2/ Anexo I.

<sup>11</sup> Dada a limitação de espaço para a publicação deste trabalho não é possível apresentar o anexo.

considerando-se que essas tentativas já estariam condicionadas (pela intervenção) pelo incentivo discursivo dos terapeutas. Para a análise dos dados, foram estabelecidos os seguintes critérios de contagem das palavras: são contabilizadas todas as palavras proferidas pelos sujeitos sem exceção, mesmo quando repetidas; todas as formas verbais, quer modais ou outras, excluindo os verbos conjugados com pronomes átonos (ex. disse-lhe) que são contabilizados apenas como uma palavra; todo o tipo de substantivos; todas as ocorrências pronominais (ex. ela; ele). Não são contabilizadas quaisquer tipos de interjeições.

4. *O objectivo da aplicação do Picture Story Test*: pretendeu-se com este estudo analisar alguns aspectos lexicais – extensão frásica, nº de ocorrência de verbos, substantivos, pronomes e nº lexemas – alvo –, proferidos no discurso de pacientes com afasia, de forma a diferenciar, linguisticamente, o discurso proferido nestes grupos com diferentes tipos de afasia. Cada um destes factores linguísticos irá sendo explicitado individualmente, ao longo da apresentação e análise dos resultados.

5. *Os resultados*: – 5.1. *Lexemas – alvo*: O texto original era constituído por determinadas palavras denominadas lexemas-alvo ou palavras chave, isto é, palavras de conteúdo, que tinham sido produzidas no reconto de cada história por 90% dos falantes normais. No gráfico 1. (Cf. Anexo 2), são apresentados os resultados em relação aos lexemas – alvo, em cada grupo de afásicos e no grupo de controle. Em relação à ocorrência de palavras “lexemas – alvo” pode verificar-se que os sujeitos com afasia Transcortical Sensorial realizaram dos lexemas 70%, apresentando um resultado semelhante ao obtido pelos sujeitos Não-afásicos de 60%. Por seu lado, os sujeitos de Wernicke tiveram um resultado de 25% muito semelhante ao resultado obtido pelos sujeitos com afasia global de 30%. Desta forma pode-se concluir que os sujeitos com afasia de Wernicke e os sujeitos com afasia Global são os que revelaram mais dificuldade no reconto das palavras “lexemas-alvo”. Este facto poderá demonstrar ou que não as identificaram e consideraram como palavras-chave no discurso que ouviram ou, que foram incapazes de reproduzi-las no seu reconto. Por outro lado, os sujeitos não-afásicos revelaram ser mais eficientes na globalidade, o que se pode verificar se tivermos em conta que no seu reconto utilizaram quase todos os “lexemas-alvo” que originalmente estavam definidos. No gráfico 2. (Cf. Anexo 2.) dividiram-se as palavras “lexemas-alvo” em duas categorias morfológicas principais: “lexemas-alvo” verbos e “lexemas-alvo” nomes para cada grupo, de forma a verificar quais das duas categorias eram preferencialmente utilizadas pelos grupos. Através do gráfico pode-se concluir que, apesar dos resultados serem semelhantes aos obtidos no Gráfico 1, para os grupos de sujeitos não-afásicos e com afasia Transcortical Sensorial (Cf. Gráfico 1/ Anexo 2), os sujeitos com afasia Transcortical Sensorial tendem a produzir mais verbos em detrimento dos nomes, o que não é o caso dos sujeitos não-afásicos que reproduziram praticamente tanto nomes quanto verbos. Os sujeitos com afasia Global por seu lado,

tendem a reproduzir mais nomes que verbos embora a diferença não seja muito significativa. Os sujeitos com afasia de Wernicke foram os que revelaram uma diferença mais extremada entre a reprodução dos nomes (83%) e dos verbos (0%).

5.2. *Frequência de ocorrência de nomes, verbos e pronomes*: contabilizaram-se o número de ocorrências de palavras das categorias morfológicas – nome, verbo e pronome – em relação ao número total de ocorrência das mesmas categorias no texto original. Com esta análise pretendeu-se verificar se haveria predominância na ocorrência de algumas categorias sobre outras no discurso proferido pelos sujeitos participantes (Cf. Gráfico 3/ Anexo 2). Em termos percentuais e em relação à categoria morfológica dos Nomes produzida no discurso, pode verificar-se que os sujeitos com afasia Global e Não-afásicos foram os grupos que mais nomes produziram, tendo sido os sujeitos com afasia de Wernicke e com afasia Transcortical os que menos nomes produziram em relação aos restantes grupos. Em relação à categoria Verbos, os sujeitos com afasia de Wernicke, com afasia Global e com afasia Transcortical foram os que mais verbos produziram em relação ao grupo de Não-afásicos que obtiveram um resultado de 64% de ocorrências, tendo os sujeitos com afasia Transcortical Sensorial e os sujeitos com afasia Global obtido o maior resultado e idêntico entre si (100% e 92 % respectivamente). Em relação à categoria Pronomes, os sujeitos com afasia de Wernicke não produziram qualquer pronome no seu discurso (0%), e os sujeitos com afasia Global apenas produziram 10% dos pronomes. Pelo contrário, os sujeitos com afasia Transcortical Sensorial obtiveram o maior resultado em relação aos outros grupos. Em termos da análise global ao tipo de discurso produzido por cada grupo e, atendendo apenas à frequência de ocorrência das categorias morfológicas aqui referidas, pode-se concluir que: 1) os sujeitos com afasia de Wernicke produzem mais verbos que nomes não tendo produzido quaisquer pronomes; 2) os sujeitos com afasia Transcortical Sensorial produzem uma percentagem semelhante nas mesmas categorias que os sujeitos com afasia de Wernicke mas utilizando já no seu discurso pronomes; 3) os sujeitos com afasia Global tendem a produzir no seu discurso aproximadamente, tanto nomes como verbos, quase não produzindo pronomes; 4) finalmente, os sujeitos não-afásicos tendem a produzir mais nomes que verbos e em menor percentagem que estas categorias, pronomes.

5.3. *Extensão Narrativa*<sup>12</sup>: foi registado o número total de palavras proferidas por cada um dos sujeitos. A contabilização foi efectuada tendo em conta todas as ocorrências de palavras, mesmo que repetidas no discurso e de todas as categorias morfológicas. Pode-se concluir através da análise dos resultados que o grupo dos sujeitos com afasia Transcortical Sensorial produziu uma maior extensão narrativa que a da história lida. A diferença entre a extensão narrativa dos sujeitos com afasia

<sup>12</sup> A Extensão Narrativa é entendida neste contexto como o número total de palavras proferidas por cada sujeito participante na sua tentativa de reconto da história ouvida.

de Wernicke (74,1%) e dos sujeitos não-afásicos (65,5%) não foi significativa, ao contrário da diferença entre estes últimos e os sujeitos com afasia Transcortical Sensorial (108%) e com afasia Global (86,2%).

## 6. Comparação dos resultados obtidos com os do estudo original

Em relação ao grupo de sujeitos com afasia de Wernicke, único grupo comum a ambos os estudos, original e o actual (cf. Nota 5), o estudo original concluiu que: 1) este tipo de sujeitos produziam uma percentagem reduzida do número total de palavras “lexemas-alvo” em relação à produzida pelos sujeitos não-afásicos e pelos sujeitos de Broca; 2) produziam menos nomes em proporção ao número de verbos; 3) os sujeitos com este tipo de afasia, não tinham uma diferença significativa ao nível da extensão narrativa, em relação aos sujeitos não-afásicos. Os resultados dos sujeitos com afasia de Wernicke apontavam, por conseguinte, para um tipo de discurso que se distinguiu pela tendência no uso de muitas palavras e por um uso preferencial de verbos em detrimento de nomes. O presente estudo revalida as conclusões do estudo original relativamente à (re)produção de palavras “lexemas-alvo” e à extensão narrativa. De facto, os sujeitos com afasia de Wernicke revelaram também nesta experiência uma produção mais reduzida de palavras “lexemas-alvo” em relação aos sujeitos não-afásicos, com percentagens de 25% e 60%. Em relação à extensão narrativa, os resultados foram idênticos aos do estudo original: a diferença entre a extensão narrativa dos sujeitos com afasia de Wernicke não é significativa em relação à extensão narrativa dos sujeitos não afásicos. Paradoxalmente, a conclusão segundo a qual os sujeitos com afasia de Wernicke produzem notoriamente, mais nomes que verbos no seu discurso é apenas validada no contexto do discurso total proferido. Como se pode verificar através do Gráfico 2. da Percentagem de “lexemas-alvo” nomes/ verbos por grupo<sup>13</sup>, os sujeitos com este tipo de afasia produziram mais “lexemas-alvo” nomes que “lexemas-alvo” verbos. Isto é, apesar de este tipo de afasia receber muitas vezes a denominação de afasia anómica (na literatura), os resultados parecem indicar que a utilização preferencial de verbos poderá estar condicionada não só pela situação comunicativa em que se encontra o sujeito afásico de Wernicke, como também depende do contexto discursivo em que o sujeito afásico é avaliado.

Em conclusão, o *Picture Story Test* é no fundo um instrumento que possibilita a produção de *corpora*, permitindo a análise comparativa do discurso de sujeitos que, de outra forma, produziram menos dados de expressão oral, ou produziram um tipo de discurso que sem objectivos previamente definidos de análise, seria de difícil acesso. Por outro lado, este teste (como em tantos outros) não tem em conta a vivência dos sujeitos, experiências de vida quer profissionais, quer pessoais. Isto é, a narrativa para o relato não suscita nestes sujeitos qualquer reacção emocional em relação ao que está a ser narrado ou mostrado através das figuras corresponden-

<sup>13</sup> Cf. Anexo 2.

tes. O contexto é para os sujeitos vazio de significado o que pode condicionar as respostas. Webb (1995)<sup>14</sup> a propósito deste aspecto refere: “Most of the items on the BASA<sup>15</sup> were selected because research had shown that many of the more severely impaired aphasic patients could naturally perform some language tasks that formal testing failed to identify. Tasks such as identifying famous people, repeating emotionally loaded words, or matching numbers to coins evoke residual skills in some patients.”

A questão reside na individualização e reestruturação de tarefas que possam complementar os testes, como o *Picture Story Test*, suscitando nos sujeitos afásicos produções quer quantitativamente, quer qualitativamente, melhores. Por último, é importante reflectir sobre o estudo linguístico desenvolvido com este tipo de sujeitos. Sendo adultos, estes indivíduos tinham já desenvolvidas as suas competências linguísticas, assim como uma determinada *performance* que lhes era própria e característica. Após a lesão e o diagnóstico através dos respectivos testes, todo o trabalho a desenvolver com estes sujeitos é efectuado com base no que desse *background* linguístico se encontra ainda intacto. Uma avaliação das suas capacidades e perturbações linguísticas, deve tentar partir sempre do conhecimento das diferenças significativas entre o estado linguístico do sujeito anterior e posterior à lesão.

## 8. Referências Bibliográficas

- LESSER, Ruth (1989). *Linguistic Investigations of Aphasia*, 2<sup>nd</sup> edition, London, Whurr Publishers, “Studies in disorders of communication. Chp.1
- WEBB, Wanda G. (1995). *Language Batteries in Aphasia*, in Handbook of Neurological Speech and Language Disorders. Ed. Howard S. Kirshner (1995), New York, Marcel Dekker Inc., chp. 17 (pp. 431)
- “Narrative Strategies of Aphasic and Normal-speaking Subjects” In Ana Monção (Org.) (2001) *Manual de Psicolinguística*, vol.I., Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
- DAMÁSIO, António Rosa (1973). *Perturbações Neurológicas da Linguagem e de outras funções simbólicas*. Tese Dissertação – Fac. Medicina de Lisboa
- HEILMAN, Kenneth, VALENSTEIN, Edward (Ed.) (1995). *Clinical Neuropsychology*. 3<sup>rd</sup> Ed. New York, Oxford University Press
- CAPLAN, David (1992). *Language: Structure, Processing and Disorders*. Massachusetts, MIT Press, Institute of Technology
- SEGUI, Juan. (1991). *La reconnaissance des mots dans les différentes modalités sensorielles*. 1<sup>re</sup> édition, Paris, Collection Psychologie d’Aujourd’hui, Presses Universitaires de France
- GOODGLASS, Harold, WINGFIELD, Arthur (Ed.) (1997). *Anomia – Neuroanatomical and Cognitive Correlates*. New York, Foundations of Neuropsychology, Academic Press

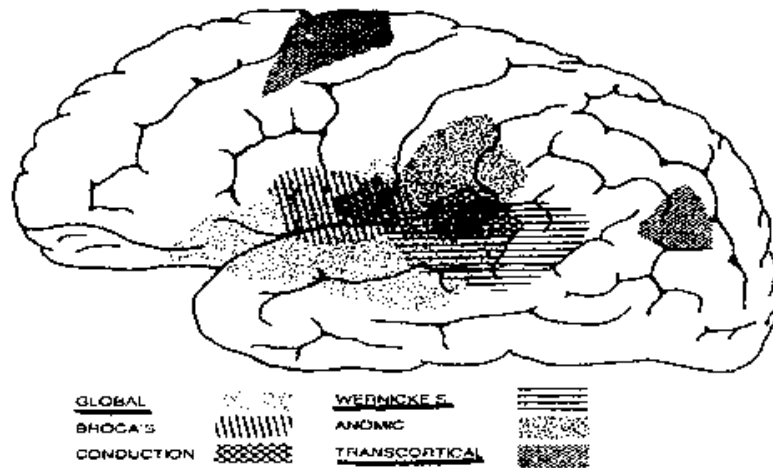
<sup>14</sup> Vide Referências Bibliográficas.

<sup>15</sup> *Boston Assessment of Severe Aphasia*.

Anexo 1

Figura 1.

Áreas de lesão correspondentes ao tipo de Afasia



From A. Kertesz, D. Lusk, and P. McCabe (1972) 'Isotope localization of infarcts in aphasia', *Archives of Neurology*, 34, 590-594 (1972).

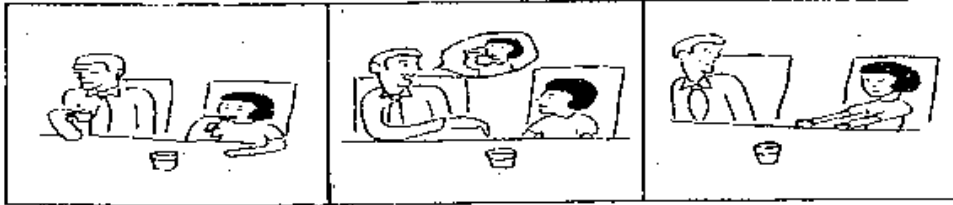
Características dos tipos de Afasia

Tipo de Afasia	Local da lesão	Compreensão	Discurso	Repetição	Erros Parafrásticos
A. Wernicke	Lóbulo Temporal Posterior	pobre	Fluente	Sim	sim
A. Global	Partes dos lóbulos frontal e temporal	pobre	parco	Sim	—
A. Transcortical Sensorial	Lóbulo frontal anterior à área de Broca	boa	Não-fluente	não	sim



PICTURE STORY TEST

Figura 2.



Ao almoço, / o pai desta menina reparou / que ela não tinha bebido o leite. /  
Quando ele disse à menina para beber o leite, / ela disse que não o queria

Anexo 2

Gráfico 1.

Percentagem Lexemas - alvo por grupo

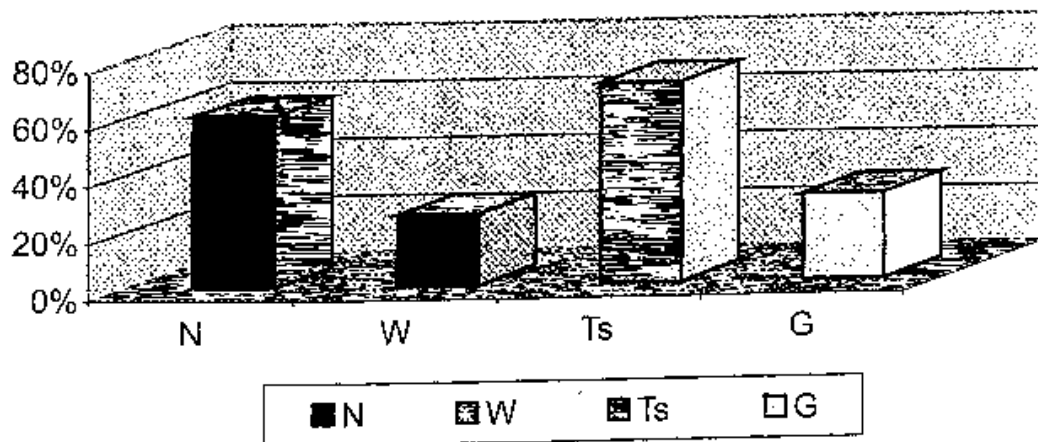


Gráfico 2.

**Percentagem "Lexemas-alvo"  
Nomes/ Verbos por grupo**

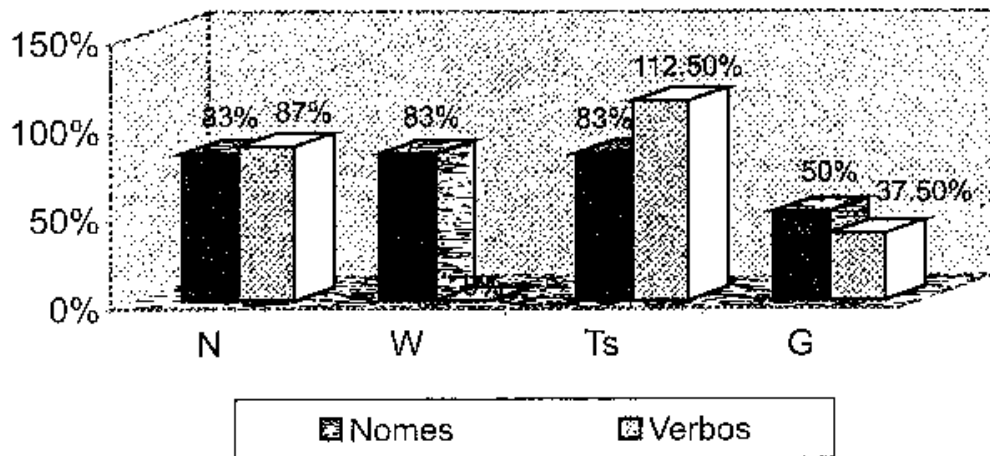


Gráfico 3.

**Frequência de ocorrência de nomes, verbos e pronomes**

